

O ENTREVER DA HISTÓRIA NAS NARRATIVAS DE LUIZ RUFFATO

Júlio César Machado de Paula

Prof. Dr. da Pós-graduação do
Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

Em regra, a expectativa que se tem de uma resenha é que ela esteja associada a algo novo, isto é, ao lançamento recente de um livro, à abertura de uma exposição, ao concerto que ainda ontem fez sua estreia. O texto que ora apresentamos, no entanto, assume o risco de frustrar tal expectativa por duas razões: primeiramente, motiva-se não por uma estreia literária, propriamente, mas por uma reedição, a décima primeira, “revista e definitiva”, de *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, obra publicada, originalmente, em 2001; e, além disso, pelo fato de que não trataremos, exatamente, do livro em si, mas das relações que estabelece com o conjunto da obra, especialmente, com os cinco volumes que compõem o ciclo narrativo intitulado *Inferno Provisório*.

Como a tarefa é grande e o espaço pequeno, tentaremos contribuir com o tema geral desse número, dedicado à arte e à cidade, pensando como a obra do autor nos auxilia a pensar o que foi e o que vem sendo o processo de urbanização brasileiro. Nossa estratégia será apontar ao menos um dos modos de olhar passíveis de serem extraídos das narrativas de Luiz Ruffato e, em consequência, sugerir como esse mesmo olhar vincula-se a um procedimento narrativo que amalgama de forma coerente o conjunto da obra do autor.

Ruffato projetou-se nacional e internacionalmente com a publicação, em 2001, de *Eles eram muitos cavalos*, apresentado como romance, mas composto, na realidade, por uma sucessão de quadros narrativos unidos pelo fato de se passarem todos em um mesmo e único dia na cidade de São Paulo. Ante a desmesura da metrópole e a impossibilidade de abarcar seu caráter múltiplo, desfilam diante do leitor cenas aparentemente desconexas, de fichas meteorológicas a andanças de beira de rodovia, de X a Y, compondo não um panorama único da cidade, emoldurado pelo livro, mas uma sequência de olhares parciais possíveis.

Em um primeiro momento, o livro foi recebido como uma guinada na carreira do autor, que estreara, pouco antes, com dois livros de contos, *Histórias de remorsos e rancores*, de 1998, e *Ossobreviventes*, de 2000, cujas ações transcorriam em volta de sua então miúda e ativa Cataguases, cidade natal. Esta serviria também de ponto de partida (mas não de chegada) para o amplo projeto narrativo intitulado *Inferno Provisório*, publicado em cinco volumes entre 2005 e 2011. O anseio central de Ruffato ao empreender um projeto narrativo de tamanho fôlego não constitui nenhum segredo. Ele próprio o revelou em mais de uma ocasião: promover uma reflexão acerca do complexo processo de urbanização e industrialização do Brasil nos últimos 50 anos, tendo como fio condutor a figura do operário, desde as primeiras gerações, com suas botas ainda eivadas do barro trazido do campo, às gerações que se acotovelariam nas cidades grandes. Ruffato certamente não foi o primeiro a chamar para si a árdua tarefa de retratar os efeitos do processo de urbanização e industrialização do país. No entanto, sua perspectiva o distingue da própria linhagem em que se insere por trazer para a cena não propriamente os excluídos, os que orbitam sem rumo à margem do processo, mas aqueles que, explorados como mão-de-obra barata (ou seja, lucrativa para quem os explora), foram incluídos de forma espoliante na máquina do capital que os absorve até o sabugo. Não estamos, pois, no domínio da exclusão pura e simples, mas de uma espécie de inclusão subalterna que, travestida de modernidade, acaba por perpetuar relações sociais degradantes.

Sabe-se, também, por declarações do autor, de sua experiência pessoal a respeito, não somente por ser filho de operário, mas por ter sido, ele próprio, operário. Contudo,



não é a experiência direta que nos interessa aqui (tampouco a dos outros e muitos ofícios que também exerceu, como os de pipoqueiro, gerente de lanchonete, livreiro ambulante ou jornalista). Interessa-nos seu primeiro ofício, o de balconista de mercearia, que espelha uma imagem recorrente ao longo de sua obra: a da parcialidade do olhar. É o que o autor nos informa em recente crônica publicada no espanhol *El País*. Diz ele:

De início, vendia cachaça, tira-gostos e cigarros atrás de um balcão que ficava na altura de meus olhos - eu me punha de pé em cima de um engradado de madeira para atender os fregueses, que se constituíam de prostitutas e cafetões, já que a zona de meretrício ficava perto, e de operários que moravam no cortiço, do qual aquele botequim era uma espécie de posto avançado. (2013, grifo nosso).

Mais do que um dado biográfico pitoresco, a imagem do menino que, por detrás do balcão, entrevê o mundo que se lhe descortina prenuncia o recurso narrativo que nos interessa pôr em relevo. É, justamente, por meio de uma espécie de entrevista que temos acesso aos flashes urbanos de *Eles eram muitos cavalos*, e é por ela também que nos chega o denso universo doméstico dos operários de Cataguases e de seus rebentos já migrados para a cidade grande, como se vê no *Inferno Provisório*.

O que se apresenta, pois, longe de ser um universo que salta aos olhos, pronto, às escâncaras, é, antes, um mundo entrevisto, aparentemente desconexo, mas que se revelará aos poucos e em partes. E que o leitor não se iluda. É justamente a meia-visão, o olhar difuso, o que instiga. Quem tem acesso à vista parcial do que se esconde é indefectivelmente picado pelo desejo de ver o que ainda queda adormecido e ilude-se na expectativa de que deparará, ainda que tarde, com alguma síntese esclarecedora, alguma chave lógica que lhe ofereça explicações. Mas não, não há aqui nem raio ordenador nem máquina do mundo. Há apenas um sem-número de miudezas difusas aparentemente insignificantes, mas que desfilam ao longo das narrativas compondo uma sucessão de histórias cotidianas muito diversas da História oficial, a que se aprende na escola e se escreve com H maiúsculo (*l'Histoire avec sa grande hache*, no brilhante e intraduzível trocadilho de George Perec).

Ciente de que o ofício da escrita implica muito mais do que ser um bom contador de histórias, Ruffato sabe que a forma não é um mero invólucro de conteúdos, mas integra a própria mensagem. Sabe, pois, como bem sintetizou Rodriguez Monegal, que, em literatura, “Há um meio que se converte em fim, um veículo que é em si mesmo a viagem.” (1979, p. 159). Diante disso, uma tarefa complexa e inevitável apresentou-se ao autor: como lidar com a temática do operariado sem se valer do modelo tradicional do romance, especialmente de sua linhagem burguesa do século XIX? Ora, foi justamente a experiência narrativa de *Eles eram muitos cavalos* que lhe iluminou o caminho formal para a matéria social prenunciada nos contos iniciais do autor e plenamente desenvolvidos em seu ciclo *Inferno Provisório*. Se Ruffato já possuía o estofo de seu amplo projeto narrativo, faltava-lhe, contudo, a forma em que vazá-lo. E, em entrevista concedida a Luciano Trigo por ocasião da publicação de *Domínios sem Deus*, quinto e último volume da saga, é o próprio autor quem nos informa a esse respeito:



Em 1998, publiquei Histórias de remorsos e rancores e, em 2000, (os sobreviventes). Ali estava o núcleo, mas a forma ainda não me satisfazia. Somente com a publicação de *Eles eram muitos cavalos*, em 2001, é que compreendi como deveria proceder para colocar de pé o *Inferno Provisório*. (apud TRIGO, 2011)

Se Histórias de remorsos e rancores e (os sobreviventes) podem, de forma bastante pacífica, ser considerados livros de contos, tanto *Eles eram muitos cavalos* quanto os volumes do *Inferno Provisório* são classificados como romance apenas pela necessidade editorial de possuírem uma ficha catalográfica que instrua vendedores e bibliotecários na tarefa ingrata de dispô-los nesta ou naquela prateleira.

Se o mundo é o que é não apenas em função de elementos que lhes são imanentes, mas pelo modo como o olhamos ou com nossa linguagem o recorta, é preciso reconhecer que a literatura, como modo privilegiado de se olhar o mundo, pode alterar o real na mesma medida em que busca, à sua maneira, isto é, esteticamente, reconstituí-lo. Estamos, pois, em um domínio positivo de incertezas, no qual a flutuação mesma da linguagem nos permite discutir e negar o que, ideologicamente, se construiu como determinismo, como fatalidade natural desprovida de qualquer dimensão histórica. A sucessão de entreveros que domina a paisagem e as relações em nossas grandes cidades, tal qual se entrevê em *Eles eram muitos cavalos*, não é fruto de uma geração espontânea; ao contrário, inscreve-se profundamente em nossa experiência histórica, como nos assinalam as narrativas do *Inferno Provisório*.

Nesse processo contínuo e sem fim, em meio à dificuldade de se estabelecerem limites entre o mundo e as narrativas que buscam captá-lo, não nos resta, como leitores, muito mais do que aguardar as próximas edições, talvez revistas, certamente, provisórias. Como, aliás, todo e qualquer inferno.

{REFERÊNCIAS}

RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. "Tradição e Renovação". In.: FERNANDÉZ MORENO, César (Org.). *América Latina em sua Literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979. pp. 131-159.

RUFFATO, Luiz. "Sabe com quem está falando?". In: *El País*, 24 de novembro de 2013. Disponível em http://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/24/opinion/1385331331_329784.html. Consulta realizada em 4/12/13.

TRIGO, Luciano. "Ficção de Luiz Ruffato permanece fiel à classe operária". In.: *Maquina de Escrever*. Portal G1, 9 de dezembro de 2011. Disponível em <http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/?s=ruffato>. Consulta realizada em 28/11/13.

